



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

PROJETO MEMÓRIA ORAL

CAIO PORFÍRIO CARNEIRO

Hoje, três de março de 2008, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento do escritor e jornalista Caio Porfírio Carneiro para o projeto de Memória Oral da Instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais dos seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sérgio Teichner e na condução do depoimento, Ana Elisa Antunes Viviani.

Ana Elisa Antunes Viviani: Senhor Caio Porfírio, bom dia.

Caio Porfírio Carneiro: Bom dia.

AE: Eu queria começar o depoimento solicitando que o senhor contasse um pouquinho sobre a sua história, a origem da sua família, a cidade onde o senhor nasceu.

CP: Muito bem. Meu nome completo, de carteirinha, é Caio Porfírio de Castro Carneiro, mas, literariamente, Caio Porfírio Carneiro, para não ficar os quatro nomes. Eu sou cearense, de Fortaleza, nasci a primeiro de julho de 1928. Não digo para ninguém. Meu pai foi filho de fazendeiros, um homem de muita cultura, intelectual frustrado porque nunca publicou nada. De rico ficou pobre, porque ele era representante de firmas de Fortaleza, muito boas, mas veio a crise de 1929. Eu tinha um ano de idade quando ele perdeu tudo. Minha mãe é Castro Caminha. O meu avô materno é primo legítimo do escritor Adolfo Caminha, autor do romance *A Normalista*. Então herdei dos dois lados o gosto pela leitura. Meu pai lia muito, me

ensinou, desde a infância, a mim, e aos meus nove irmãos – éramos dez, hoje somos seis – a ler francês, que era a língua, a segunda língua da época, desde pequeno.

Mas ele foi um intelectual frustrado porque ele nunca publicou nada. Ele apenas se relacionava com os intelectuais da terra, nos deu o gosto pela leitura e formou todos os filhos. Eu comecei a ler e a escrever; a me dedicar às letras, pessoalmente, muito cedo. Entrei para o jornalismo. Em Fortaleza, terminei o ginásio, naquele tempo era o seriado, depois o clássico. Eu fiz o clássico. Depois eu fiz Filosofia, Geografia e História.

Entre para o jornal. Depois entrei para a companhia de aviação Panair do Brasil. Comecei na Balkan. Modéstia à parte, comecei na Balkan em 1949. Em quatro anos... Passei, em 1950, para auxiliar de caixa geral; em 1951, para caixa geral; em 1952 me mandaram fazer um estágio em São Paulo e no Rio. Quando eu voltei, modéstia à parte, mais uma vez – e é verdade – eu fui o mais jovem gerente de escritório dos escritórios do Brasil. Eu tinha 24 anos.

AE: Da Panair.

CP: Era Firma Celso Nunes, que era o agente. Sob a minha direção tinha vinte e tantos funcionários e eu só tinha 24 anos de idade. Estava, como se diz, por cima da carne seca. Eu tinha tudo, gostava muito de uma moça. Carro à minha disposição. Eu ganhava três mil cruzeiros na época. Dava oitocentos cruzeiros à minha mãe, gastava quatrocentos, quando conseguia, botava mil e oitocentos no banco. Carro à disposição, um motorista à disposição, ia para onde queria, não pagava nada.

Apareceu uma tosse, deu uma gripe. E que tosse foi essa que foi indo, foi indo, foi indo e, quando eu fui ao médico, eu estava com uma lesão no pulmão direito. Foi uma correria. Eu tive que me hospitalizar. Foi aquele abalo geral na família, na Companhia, todos os meus amigos perplexos. E a pancada é tão grande, tão grande, que você não sente imediatamente. É como se dissessem para você: “Você ganhou na loteria cem milhões”, você não sente. Se fosse um milhão, um milhão e meio, tudo bem. Então, quando o médico falou que eu ia ficar um ano de licença, no mínimo, que eu saí na rua, eu tive a ligeira impressão de que eu estava boiando numa cidade estranha. Só fui sentir a pancada aos poucos.



No dia seguinte me levaram para o hospital em Mecejana, onde nasceu José de Alencar, aquela zona muito bonita do Ceará. Fiquei lá quatro meses de molho. E fiquei três anos em casa, tomando pneumotórax - uma fase horrível da minha vida.

Mas eu tenho uma coisa muito boa comigo: o que tenho, tenho. Eu tenho um espírito muito bom, alegre, sou uma pessoa muito... Cheguei a um ponto em que disse: “O que mais pode acontecer é morrer e, se morrer, acabou”, com essa idade... É, mas os outros não pensavam assim - a situação ficou horrível na família.

E eu jogava muito xadrez porque o Hélder Câmara, sobrinho do Dom Hélder, que já era mestre internacional de xadrez, ia muito na minha casa. Ia e jogava comigo. Cheguei a desenvolver muito o xadrez. Eu tive um amigo também, Milton Alves, que tocava violão, que aparecia lá. Foi quando eu fiz letras para músicas. Fiz algumas letras, que ele gravou. Aí escrevi um conto, *O Enxadrista*. Aí o Hélder disse assim: “Caio, eu vou mandar esse conto para *A Cigarra*”, que na época era a segunda melhor revista do Brasil, só perdia para *O Cruzeiro*. “Não, não, eu mando, pode ficar tranquilo”. Eu já tinha escrito um romance à mão, em casa, e eu pude sair de casa. Aí ele mandou e, para a minha surpresa, eu tirei o primeiro lugar. Isso me deixou perplexo, no bom sentido - aí eu vi que tinha jeito para a ficção. Fiquei curado.

Aí o meu irmão, que tinha imobiliária em São Paulo – mais velho – ele já estava aqui, casado. Estava muito bem de vida. Ele tinha uma imobiliária muito boa, porque foi no tempo de Brasília, construção de Brasília, e ele vendia muito terreno, tanto em Goiás quanto no interior de São Paulo. Ele estava bem, na Paulista. E ele foi a Fortaleza para me trazer, somente a mim, porque não tinha mais ambiente em Fortaleza. Eu ia para o centro da cidade, que era a Praça do Ferreira e todo mundo: “Oh, Caio, como é que vai?”, e não tinham nem vontade de apertar a mão, porque na época tuberculose era uma AIDS e todo mundo tinha medo de contrair a doença. Em comparação com a ciência moderna... se fosse hoje. Era uma lesão no pulmão superior, tomei pneumotórax, que é uma injeção de ar durante a terapia do pulmão, que é uma injeção de ar entre a pleura e o pulmão. Só quem pode dar é um médico bom. O ar não pode ficar, senão pode andar, porque pode rasgar a pleura. Se fosse hoje eu ia para o hospital, o médico arrancava o lóbulo superior e eu estava bom em 15 dias. Quer dizer que a ciência... Vim para cá e trouxe a família toda - aquilo repercutiu na família - a não ser duas irmãs casadas, que estavam no interior.



Aqui, fui trabalhar com ele. Um irmão que era advogado, o Luiz, que se formou com Euclides Gomes, que era advogado também da imobiliária, pai do Ciro Gomes... Foi muito meu amigo, o Euclides. Morava em Adamantina, casado com uma moça de Pindamonhangaba. Quando ele quis ir para o Ceará de volta, com os filhos pequenos, eu dizia: “Euclides, o que você vai fazer no Ceará? Aqui você tem tudo” - “Não, eu vou voltar. Papai...” – o pai dele também tem fazenda perto da nossa, no Ceará – “... tem fazenda e quer que eu volte”. Ficou na dúvida, e a gente em cima dele: “O que você vai fazer no Ceará, rapaz?”. Ele foi, levou a esposa. A esposa gostou, tudo isso. Veio de vez, desmanchou o escritório que ele tinha em Adamantina e foi com a família e o Ciro terminou a infância dele no Ceará e tornou-se político em Fortaleza, no Ceará. Bem, o que é a vida... eu fiquei aqui em São Paulo.

AE: Senhor Caio Porfírio, só uma coisa: que expectativas o senhor tinha em relação à cidade nesse momento em que o senhor chegou para estabelecer uma vida?

CP: Em São Paulo?

AE: É.

CP: Não, São Paulo eu já conhecia, em 1952, porque, quando eu fiz o estágio na Panair, eu podia ficar hospedado por conta da Panair do Brasil. Mas eu preferia ficar na casa do meu irmão, que nesse tempo não tinha imobiliária. Ele tinha uma criação de frangos perto de Itapeverica da Serra, depois de Santo Amaro. Eu fiquei na casa dele e fazia estágio aqui na 24 de Maio, na esquina, de agentes da Panair. Então eu conheci bem a cidade. Eu fiquei aqui vinte dias correndo a cidade toda. Conhecia tudo que me ensinavam e eu ia dizendo: “Isso aí eu já sei”. Fiquei mais ou menos livre aqui em São Paulo.

Essa imobiliária do meu irmão, Imobiliária Santa Júlia, hoje é a Cidade Santa Júlia, que é um bairro que tem o nome da minha mãe. A escola - que é do bairro Santa Júlia, que é vizinha, depois da entrada para o Capão Redondo - tem um retrato que é da minha mãe. É. Pensa que eu sou pouca coisa? É isso aí. Então, quando eu vim em 1955, eu já conhecia o ambiente de São Paulo.



Agora, eu vou lhe contar uma coisa: eu tinha feito um livro. Meu irmão tinha uma fazenda aqui em Santa Rita do Passa Quatro, uma fazenda chamada Fazenda Bonfim. Eu fui lá e terminei um livro de contos chamado – essa é muito boa, essa é ótima, porque eu dei o título de *A Última Viagem*: uma série de contos que eu escrevi durante a doença, na casa de uma irmã minha que não veio porque morava no interior do Ceará. Então eu trouxe o livro pronto. Não conhecia ninguém. Trabalhava com o meu irmão. Não trabalhava, fiquei três anos, mais ou menos, lá encostado só para receber um ordenado, porque o médico dizia: “Olha, cuidado para não recair”. Meu irmão foi meu pai, foi meu segundo pai. A nossa família tem uma coisa muito boa - sempre foi muito unida. A minha mãe veio, meu pai tinha falecido.

Então, eu, com esse livro pronto, não conhecia ninguém. Então o que eu fiz? Meu irmão me disse assim: “Procura uma editora”. E aí procurei a Saraiva (eu contei esse episódio agora, para o neto do velho da Saraiva). Eu contei para ele que eu tinha um livro, para o velho, que era assim, assim, assim, assado. Ele disse: “Deixa aqui. Deixa aqui que eu vou examinar”. Era uma editora que publicava os melhores escritores. A Mary Joseph Dupré era publicada. Naquele tempo ela já se assinava Sra. Leandro Dupré, porque o marido dela era o engenheiro Leandro Dupré. Foi muito minha amiga. Eu falei: “Bom, vou deixar aqui”. Combinei com ele uma data. Depois de 15 dias, vinte dias, eu voltei e ele disse: “Olha, o seu livro é muito bom. Agora, você não conhece ninguém ainda. É um livro novo, estreante. Se você pagar metade da edição nós fazemos a publicação com distribuição nacional”. Eu voltei vendo tudo azul, tudo verde, vendo passarinho verde, alegre (agora vejo que é consequência da minha doença), mas muito inseguro, muito inseguro.

Muito bem. Então o que aconteceu? Eu falei para o meu irmão: “Olha, o Senhor Saraiva falou que, se eu pagasse a metade, ele publicava o livro”. Ele disse para mim: “Lhe dou o cheque agora”. Em nome da minha mãe (não sou religioso, sou espiritualista, mas não sou religioso, nunca usei o nome de Deus, não tenho nada com religião nenhuma), ele falou isso e veio a paúra, veio o medo. Eu pensei comigo: “Será que vou receber flores ou pedradas? Não conheço ninguém...”. Consequência da doença, porque eu digo: “Já venho da rebordosa. E se eu pegar outra?”. Eu não conhecia ninguém. Não tinha cópia, só tinha aquela cópia, tinha o rascunho. Fui na Saraiva, tirei de volta o livro. “Por quê?”. Eu disse: “Não, quero rever umas coisinhas”. Eu queria convencer a mim mesmo que eu podia publicar. Eu



queria vencer a minha dúvida. Mas não me convencia: ora sim, ora não. Meu irmão, muito ocupado: “Como é que é?”. Eu dizia: “Não, depois”. Passou e o senhor Caio Porfírio Carneiro perdeu o livro. Eu perdi o livro! Eu tenho oito mil livros e tem uma coisa lá em casa que eu chamo o meu calço - pacotes de arquivo. Pois outro dia, eu precisando de um trabalho, eu digo: “Deve estar no pacote aí e tal”. Botei a escada, subi. Quando eu derrubei o pacote, caiu abaixo, espatifou-se. Quando eu abri, eu vi umas folhas amarelas – azuis, porque eu escrevi o livro numa folha bem fininha. No que eu olhei: era o livro.

AE: Nossa! Quantos anos depois?

CP: Meu Deus! Isso foi em 1955, façamos as contas. Não, isso foi em 1957. Bom, então faz 51 anos.

Daí eu peguei, olhei e pensei comigo: “Esse livro quer ser publicado”. Mas agora não dá mais para... Eu olhei, o livro era ótimo, para a época. Claro que eu evoluí, mas, para a época, era muito bom.

Conversei com um dos diretores da Saraiva por telefone.

AE: Agora, recentemente?

CP: Agora. Eu disse: “Vem cá, quero dizer, para publicar por lá, porque tem outras editoras interessadas”. Dia primeiro de julho eu completo oitenta anos de idade. Não conta para ninguém, hein! Eu só conto para moça bonita. Oitenta anos. Eu vou publicar um livro que está pronto, *Ângela e Outros Contos*, que é meu 25º livro, e vou publicar esse fora do comércio, com duzentos exemplares, para dar para os amigos, contando o que aconteceu, para mostrar que o livrinho não pode ficar inédito, não é verdade?

AE: É verdade.

CP: Então é isso aí: *A Última Viagem*.

AE: Senhor Caio Porfírio, deixa eu perguntar uma coisa: Nessa época que o senhor veio para São Paulo a cidade estava passando por uma grande efervescência



cultural - com a criação dos museus de arte, de teatros, do Teatro Brasileiro de Comédia, cineclubes - eu queria saber se o senhor chegou a participar dessa efervescência, frequentava esses lugares.

CP: Eu vou começar contando uma coisa mais. Eu comecei a trabalhar com o meu irmão na imobiliária. Eu tenho que voltar para chegar onde você quer e amarrar. Como eu nunca publiquei esse livro, comecei a escrever outro, *Trapiá*, que é o meu livro de estreia, em 1961. Só para me convencer que eu fazia uma coisa, eu escrevia um conto e mandava para um concurso: ganhava. Escrevia outro e mandava para o concurso: ganhava. Mandava outro, escrevia para o concurso: ganhava. É a conta do mentiroso, mas ganhei sete concursos de contos em um ano. Quando eu ganhei o concurso de Natal, com contos de Natal - eu, João Antonio, e Julieta de Godoy Ladeira - o Ricardo Ramos, que via nas revistas meu nome, filho do Graciliano, foi me conhecer, no escritório e ele e o Paulo Dantas se interessaram em publicar o meu livro que estava pronto, *Trapiá*. Porque eu concorri duas vezes para *Alterosa* e recebi uma carta que eu não podia concorrer mais. Concorri duas vezes para *A Cigarra* e eu não podia concorrer mais. Então eu disse para o Ricardo: “Eu tenho um livro”. Ele quis ver. Aí eu publiquei o livro pela Coleção *Alterosa*, da Francisco Alves – eu chego lá no que você quer – uma das maiores coleções de literatura do Brasil. Basta dizer para você que o livro que antecedeu o meu foi *Laços de Família*, da Clarice Lispector. Eu entrei lá dentro do melhor, do filé. Foi quando eu conheci a Clarice, que se tornou minha amiga. Aí eu falei: “Bom”.

Aí comecei a fazer programa para rádio, aparecer em negócios aqui e acolá. Quando eu recebo o telefonema de um amigo e entrei para a União Brasileira de Escritores. O Luiz Toledo Machado, vice-presidente, sabia que eu trabalhava com o meu irmão, me conhecia, e tudo isso. Ele me telefonou um dia e disse: “Caio, venha aqui”. Eu fui para a União Brasileira de Escritores. Ele disse: “Caio, você não quer ficar aqui uns meses ajudando? Aqui está desorganizada, a secretaria”. Então eu fui organizar a secretaria da UBE durante três meses e estou lá até hoje. Então, através da secretaria da União Brasileira de Escritores, como secretário executivo, durante quarenta e tantos anos... Aí então, minha filha, eu entrei para todo lugar. Quando eu não ia... às vezes eu ia por obrigação, representar a entidade. E, por causa da União Brasileira de Escritores, eu fui convidado a responder umas cartas do Clube do



Livro. E lá fiquei como diretor do departamento do interior do Clube do Livro e me aposentei por lá. Então tinha o Clube do Livro e tinha a União Brasileira dos Escritores.

Aí eu recebi um telefonema: “Caio, você quer ir lá no Museu de Arte Moderna?”, “Ah, Caio, tem que representar a UBE porque o presidente não pode ir lá.” Aí vou eu. Então eu conheço todas as casas de cultura, conheço todo mundo. Às vezes não por vontade de ir, porque quero ir para casa, mas por causa – além de gostar – por causa da obrigação do cargo.

Eu ia muito... Olha, na Biblioteca Mário de Andrade, fui meio funcionário. Porque eu ia às reuniões, aos debates, porque muitos convites ao presidente da entidade eu ia representar. Eu fui muitas vezes representar o Fábio Lucas, que era o presidente. Tinha muitas reuniões culturais nas casas de cultura, nas bibliotecas regionais. Não havia muita penetração, não existia computador, a televisão ainda era fraca, então a cultura ainda era muito difundida, o que se perdeu muito.

O centro da cidade era cheio de livrarias. Muito cinema, ia-se muito ao cinema, ia-se aos centros culturais, às reuniões. Faziam reuniões em casas de famílias, com assuntos culturais, debates. Concursos literários tinha toda semana, no Estado inteiro. Eu viajei São Paulo inteiro. Toda cidade fazia concurso literário. Eu ia para a comissão julgadora no Estado inteiro. Visitei São Paulo inteiro, entrava por Minas, tudo por causa da literatura.

Só uma vez, uma vez só, a União Brasileira dos Escritores, em convênio com a Secretaria da Cultura, fez visitas literárias em quarenta cidades do interior, médias. Por que médias? Porque as grandes já tinham universidades e as médias não tinham. Então todo fim de semana eu viajava, falava de manhã, de tarde, à noite, sábado e domingo, e voltava, quando não ia a outro. Nas cidades médias, isso também desapareceu. Então se tinha? Tinha demais, não sei nem por onde começar.

AE: Como se dá o contato do senhor com a Biblioteca? É nesse momento?

CP: Bom, a Biblioteca já era o centro maior. Na parte de arte, era o Museu de Arte e na parte de cultura, a Biblioteca Mário de Andrade, que era o centro da cidade. A Biblioteca fazia constantemente exposições no salão principal. Fazia muitos



concursos de poesia falada, no salão principal. O auditório, para você conseguir uma reunião no auditório, precisava falar com antecedência de um mês, que era tudo ocupado diariamente por reuniões culturais, por debates. A UBE fez dezenas de cursos literários no auditório da Biblioteca: curso sobre o conto, oito aulas - curso sobre o romance, oito aulas, seis aulas - curso de poesia, oito aulas e em convênio com a Secretaria de Cultura, do Estado e do Município. Como a Biblioteca tinha auditório bom, era lá que nós fazíamos. Ficava assim!

AE: Mas o senhor frequentava a Biblioteca como consulente?

CP: Bom, isso é a parte cultural. Agora, como consulente, eu usava muito as cabines, porque aí eu me dava com os funcionários todos. Eu vivia na parte de obras raras, sempre. Então eu frequentava muito. Eu entrava no balcão: “Oi”, e já passava direto. Lançamento de livro, lá em cima, no terceiro andar: constante. Quando a União Brasileira dos Escritores perdeu a sede, passou a se reunir lá. Eu fiz a minha sala na Biblioteca Mário de Andrade e só não fiquei lá, consultando lá a entidade, porque nós não conseguimos um telefone da Biblioteca como telefone particular da União Brasileira dos Escritores. Tinha que falar com a Biblioteca, aí tinha que ter intermediação. Aí procuramos a Casa Mário de Andrade também. Não tinha condição.

Quando o Rodolfo Konder foi secretário municipal da Cultura, ele era nosso conselheiro, então a gente mandava lá dentro, fazia o que queria, no bom sentido. Então era constantemente, porque a Biblioteca por si também fazia muita promoção através da Secretaria Municipal de Cultura, porque a Secretaria fazia muita promoção cultural e fazia lá, o que depois foi diminuindo, diminuindo, diminuindo por causa de outros afazeres.

Então não sei nem por onde começar. Conheci os diretores... Porque antes da Secretaria de Cultura era o Departamento de Cultura, ligada à Secretaria de Educação. E, quando Raimundo de Menezes, presidente da União Brasileira dos Escritores na década de 1960, foi diretor do Departamento de Cultura, o secretário foi o Pausini. Eu era secretário e vivia lá dentro, porque o diretor da Biblioteca, quando queria alguma coisa com o Raimundo de Menezes, dizia: “Caio, vem cá: fala para o Raimundo...”, “Fala aí com o Raimundo de Menezes”, que era diretor do



Departamento Municipal de Cultura. Criaram o Departamento da Secretaria, que depois migrou e ficou como Secretaria.

E eu frequentava, na Biblioteca, uma Secretaria, porque através dela a gente conseguia muitos cursos, porque pagava aos professores. Então a gente conseguia a verba ou através da Secretaria Municipal, ou do Estado, ou então fazia gratuitamente, porque não podia cobrar dos alunos, não podia cobrar. Olha, o salão da Biblioteca são quantos lugares? – eu sabia isso de cor... São trezentos e...

AE: No auditório?

CP: Sim, no auditório.

AE: São 270.

CP: Pelo andar todo dá trezentos e pouco, não é? Trezentos e... eu sabia. Quando lotava não podia mais entrar, a gente trancava a porta, lotava. Só podia inscrever aquele número. A maioria, grande parte deles foi filmado, foi gravado. O que eu não sei é se o acervo da Biblioteca depositou. Teve ter depositado.

A União Brasileira dos Escritores tinha um museu, o Museu do Som, que entrevistou vários escritores, muitos: Tristão de Ataíde, Geraldo Vieira, Mário Teixeira, Lygia Fagundes Telles, Mário Quintana, José Mauro de Vasconcelos, esse pessoal todo. Muitas delas fizemos na Mário de Andrade porque tinha bom serviço de som e gravação.

AE: Lá no auditório mesmo?

CP: No auditório, lá em cima, fizemos lá. Então havia uma ligação muito grande. Eu telefonava para uma das secretárias e dizia: “Olha, eu preciso do auditório amanhã”. “Ah, não pode” - “Pode” - “Não pode, senhor Caio, não pode, não” - “Pode, pelo amor de Deus! Está chegando aqui de Porto Alegre uma caravana e nós temos que ir aí. Não tem jeito” - “Espera aí. Pode ser, mas das cinco às oito, porque às oito tem outro programa” - “Tudo bem” - e eu entrava no sufoco.

AE: No horário certinho, então.



CP: Devido à ocupação total do auditório e no salão também. O salão de fora, com as exposições...

AE: Isso foi em que época?

CP: Década de 1960, 1970, 1980. Aí começou a mudar, porque muitas coisas se transferiram para as regionais diretamente. Muita coisa, as televisões tomaram conta. Veio o computador e o mundo mudou. Então ficou uma coisa mais dispersa. As casas de cultura não funcionavam como hoje. São oito casas de cultura?

AE: Não sei.

CP: Porque São Paulo tinha muita concentração, tudo convergia para o centro, tudo. São Paulo não era desmembrado como o Rio de Janeiro, por exemplo: Copacabana, Leblon, Botafogo. O Rio de Janeiro foi capital federal, era todo desmembrado, São Paulo não. Você queria bom cinema, vinha para o centro. Queria boa loja, vinha para o centro. Queria boa casa de chá, vinha para o centro. Tudo era no centro, daí por que a Mário de Andrade incorporava tudo: o Museu de Arte, as exposições. Muitas exposições, sobretudo de fotografias, eram feitas na Mário de Andrade, muitas. Agora, com a descentralização da cidade... Por exemplo, deixa eu dar para você um exemplo muito curioso: Teatro Municipal era de dia e de noite. O único teatro de Santo Amaro era o Teatro Paulo Eiró... foi o primeiro local, a meu ver, que descentralizou um pouco São Paulo: do centro foi para lá. Depois, para o lado de Itaquera, sobretudo com os metrô, porque, quando chegou o metrô, Itaquera, Jabaquara, puxou logo para lá. Então começou a descentralizar e a cidade, começou a ser ramificada. Apareceram os ônibus de bairro para bairro, que não existiam - tudo ia para o centro.

Então a minha vida em grande parte foi metida lá dentro, na Mário de Andrade, porque era um centro cultural, que era o meu escritório. Qualquer coisa, corria para lá. Não tinha jeito.

Vá lá, pergunta...



AE: Eu queria que o senhor contasse um pouquinho sobre as pessoas que conheceu na Biblioteca, que sempre dialogava, conversava sobre literatura e depois como o senhor conheceu o Sérgio Milliet.

CP: Olha, vou dizer uma coisa para você: para dizer quantas pessoas eu conheci lá dentro, não tem como.

AE: Esse seu contato com o João Antonio...

CP: Mas acontece que para lá... Posso contar uma coisa: o José Geraldo Vieira, você conhece José Geraldo Vieira, grande escritor da Academia. Ele era um tipo assim: fumava um cachimbo... Quando nós fazíamos reuniões lá na Biblioteca, acho que ele era convidado para fazer uma palestra, ele perguntava: “Tem gente, Caio?” - “Está assim!”, ia ver, não tinha ninguém. Porque o pessoal dizia: “Ele é muito esnobe”. Falava bem... Quando foi um dia ele chegou com o cachimbo e lá em cima só tinha vinte pessoas. Eu digo “Estou frito. É o Zé Geraldo que vem aí, meu Deus do céu!”. Mas estava havendo uma exposição embaixo, uma exposição de fotografia, não me lembro de quem, de um fotógrafo de nome. Ele disse: “Caio, tem esse pessoal todo?”. E eu disse: “Tem” - “Então vou entrar”. Ele entrou, foi embora... Ele subiu e encontrou as vinte pessoas lá em cima. Mas frequentavam lá, constantemente: Zé Geraldo Vieira, Mário Teixeira, Lygia Fagundes Telles; qualquer curso que ela dava... Tinha que botar o nome, porque tinha muito nome: José Mauro de Vasconcelos, Wilson Martins, Mário Quintana, o pessoal da academia toda, quase. Vinha Paulo Bonfim. Ah, meu Deus, quem? Esse pessoal todo frequentava a Biblioteca porque era onde tinha também o maior manancial de livros e de consulta. Você não tinha apelação.

Você entrava naquela sala de consulentes, que é logo depois da entrada... Você entrava lá: cheia de escritores. Estava o João Antonio. Estava lá... sei lá! Qualquer escritor que eu citar está lá sentado, consultando livros: o que não tinha na sua biblioteca tinha que ir para lá para consultar, porque a Biblioteca Municipal tinha, com uma vantagem: é que a Biblioteca tem um acervo muito grande de jornais velhos. Para consultar jornais, igual à Biblioteca Mário de Andrade não existia em São Paulo. A gente ia lá, tinha sempre alguém de nome consultando. O Afonso



Schmidt, grande Afonso Schmidt, trabalhava n' *O Estado de São Paulo*, que era em frente, ali na esquina da São Luís, que hoje é o *Diário Popular*.

AE: É. Agora é hotel.

CP: Lá era *O Estado de São Paulo*. Ele atravessava e ia para lá consultar livros. Eu me encontrava com ele lá. Chegava n' *O Estado de São Paulo* e perguntava: “Cadê o...” - “Atravessou, está na Biblioteca Mário de Andrade”. Ele estava lá consultando o que ele queria consultar: as velhas edições d' *O Estado*, do *Correio Paulistano*.

O poeta Judas Isgorogota, ouviu falar nele? Grande poeta, Judas Isgorogota. É o pseudônimo do... como é o nome dele?, Agnelo Rodrigues de Melo. E um dia, ele na pensão, botaram ele para fora da pensão. A dona da pensão chegou para ele e disse assim: “Não, você vai para fora porque o senhor é inimigo de Deus” – “Mas eu não sou Iscariotes, sou Isgorogota” - “É a mesma coisa: para fora da pensão”.

Ah, quem mais? Os grandes jornalistas...

Fizemos uma homenagem lá ao Décio de Almeida Prado, porque a União Brasileira dos Escritores foi despejada da sua sede, ficou sem sede e passou a se reunir na Biblioteca Mário de Andrade e não pudemos realizar nesse ano o concurso “Intelectual do Ano”, que fazemos todos os anos. Fazer o quê? Fazer uma homenagem ao Décio de Almeida Prado, que ia ser o candidato a intelectual do ano. Nós não tínhamos como fazer a eleição nacional, porque a votação é nacional. Não tinha como fazer porque a gente estava sem sede. Então a Biblioteca prontamente prontificou o CCD, o auditório. Aí fizemos lá uma grande homenagem para ele. Lotou. E quem saudou, quem fez a homenagem principal ao Décio, foi Antonio Candido. Foi quem compareceu para saudar o Décio de Almeida Prado. Fizemos uma festa para o Décio, que era o homem que dirigia o *Suplemento d' O Estado de São Paulo*. Foi uma festa lindíssima.

AE: Que ano foi, o senhor lembra?

CP: Foi em mil... vou dar a você o ano exato. Em 1994 foi o despejo. O livro do Décio, foi referente ao ano de 1993 – porque o intelectual do ano, você homenageia quem publicou no ano anterior uma obra de valor para a cultura nacional. Quando



ela foi despejada, no decorrer, me lembro, de 1994 – em 1994 foi a festa, mas referente ao livro dele sobre teatro, de 1993. Mas foi uma festa lindíssima. Aí a Lygia também falou, vários escritores...,sei lá! O Fábio era presidente.

E eu assisti todo o despejo da União Brasileira dos Escritores. Botaram para fora. A maior entidade de escritores do Brasil perdeu a sua sede. Menotti Del Picchia, poeta: “Se eu soubesse, tinha vindo aqui à porta, para não deixar tirar nada”. É brincadeira falar nisso. Veja o que é a cultura do Brasil.

AE: Senhor Caio Porfírio, e a sua experiência no *Suplemento Literário*? O senhor acabou de falar do Décio de Almeida Prado, que era...

CP: Eu colaborei durante quarenta anos para o *Suplemento Literário*. Colaborei com contos e crítica literária. Eu fazia muita crítica, criticava livros, mas *O Estado de São Paulo* tinha uma... – que era o correto. Eu colaborava lá e no suplemento da *Gazeta*, o jornal *Gazeta*, que não existe mais, e, durante algum tempo, no *Notícias de Hoje*, do Partido Comunista, quando era legal, que o Afonso Schmidt dirigia o suplemento. Mas mais n’*O Estado de São Paulo*, porque eu era funcionário do quadro. Eu era do quadro de colaboradores do *Suplemento*, porque eles tinham um quadro de colaboradores. Eu fazia muito comentário de livros, mas uma coisa muito bem feita. Não livro que você quer comentar, para evitar que você comentasse o livro de um amigo. Ele dava o livro para você, por exemplo, Caio Porfírio Carneiro. Ele comenta o romance, conto, novela, poesia. Eu comentava essa área. Eu não comentava um livro de ensaio, que era a minha área, porque eu era ensaísta. Eu não comentava um livro de história. Você vê que eu sou doutorado em História, mas não era a minha área. Então eu comentava essa área. Menos poesia, eu faço também, mas eu era mais para romance, contos e novela.

Então o Décio, quando chegava o livro lá, ele dizia: “Esse dá para o Caio”. Às vezes coincidia que era de um amigo, às vezes não. E às vezes você recebia a rebordosa, porque era... Quase perco um amigo meu: eu comentei, fiz algumas críticas e a repercussão era muito grande do *Suplemento do Estado*. Ele soube – morava no Rio – que eu tinha comentado algumas falhas. O cara ficou mal comigo. É uma... – não é profissão – é uma colaboração meio perigosa, porque... Eu vou contar só uma, do José Mauro de Vasconcelos, posso contar?



AE: Claro.

CP: O José Mauro de Vasconcelos era muito meu amigo. Autor do *Meu Pé de Laranja Lima*. Muito meu amigo. Mas ele era muito..., eu posso dizer: narcisista (já morreu) Por quê? Porque, nada contra ele, ele se achava com direito – isso eu dizia para ele... Eu lhe dei o livro *Perfis de Memoráveis*, não dei?

AE: Sim.

CP: Conto tudo isso lá, então eu posso falar aqui. Ele se achava no direito de criticar todo mundo, mas quem dissesse um isso dele levava pau. Um dia entrou na União Brasileira dos Escritores, o José Montello, que depois foi presidente da Academia Brasileira de Letras. Ele entrou e disse assim: “Me encontrei com o José Mauro na Livraria Teixeira” – que era enorme, cheia de lançamentos, aqui na Marconi, ficava assim! Lançamento tinha que ser no centro. Então, porque ele disse que eu falei alguma coisa dele e eu nem me lembro mais, ele acabou comigo na livraria. Posso gravar isso? Vamos gravar.

Ele escreveu um livro, *Confissões do Frei Abóbora* - um livro do José Mauro -, e eu não gostei muito do livro. Não gostei muito porque o José Mauro é um escritor impressionista, fotográfico, tudo o que ele escreve é muito visível, palpável, tangível. É o lado bom dele: ele escreve com uma ligeireza de trato muito gostosa. Mas neste livro ele partiu para o psicológico, o que não é bom, porque não é o bom dele. E para mim o livro ficou meio chato e eu fiz pequenas referências: que ele partiu para o psicológico, que não é a linha dele, que a linha dele é mais a linha fotográfica, impressionista. Bastou dizer isso. Como o Judas Isgorogota - que não gostava dele, tinha brigado - era diretor do departamento do suplemento da *Gazeta* – porque saiu na *Gazeta*, eu escrevi este troço para a *Gazeta* - fica com as referências. Ele publicou o meu trabalho, mas deu um título, que eu não pus, porque eu não colocava título. Quem colocava os títulos eram os intituladores do suplemento, porque precisa de gente especializada nisso, porque às vezes você dá um título que é uma besteira. Então o cara lê o seu texto e dá um título. Um suplemento bom tem bons intituladores. Então eu mandei sem título e o Judas deu um título metendo o



pau no livro do José Mauro - eu não fiz isso - e botaram o retrato dele.

Quando eu li, caí do cavalo: “Meu Deus, não foi nada disso!”. Liguei para o Judas e disse: “Judas, não conta mais comigo porque eu não colaboro mais no suplemento. Cortei” - “Por quê?” - “Por causa disso” - “Mas...”. Eu disse: “Não pode fazer uma coisa dessas. O texto é meu. O título diz outra coisa. O que é isso?”.

Aí procurei o José Mauro na Livraria Teixeira, que não saia de lá, aqui na Marconi. Dia de lançamento, fui até com a Bina, a Elizabete (...).¹ Ele ofereceu uma parte do livro para mim e outra para ela. Aí eu disse: “José Mauro, aconteceu isso, isso e isso, mas foi coisa de Judas, não foi erro meu”. Ele comendo – ele não bebia mais – ele comendo amendoim, e só olhava para mim. Eu falando, falando, falando e me desculpando. “É coisa do Judas, arrumação do Judas. Mas lê o texto. O texto não fala isso”. E aí, nisso, falei: “Eu posso estar errado”. Ele virou-se e foi embora. Eu me encontrava com ele e pedia desculpa, me encontrava com ele e pedia desculpa. Quando foi um dia eu disse: “Sabe de uma coisa? Não vou mais me ajoelhar, não. O que é que ele pensa?”.

Está no livro. Vou falar agora porque está no livro. Quando foi um dia, aí fiquei zangado com ele. Quando foi um dia, num sábado, eu fui para União Brasileira dos Escritores – não trabalhava no sábado, mas nesse dia eu fui. Eu fui porque estávamos preparando o concurso do intelectual do ano e eu fui lá. Daí ele entrou. Ele entrou, botou a mão em cima de um arquivo e disse assim: “Eu vim buscar o regulamento do intelectual do ano, porque eu quero concorrer”. Eu disse: “Oh, José Mauro, agora que não tem ninguém, estamos só nós dois aqui, eu posso contar aquilo que aconteceu”. Não estou mentindo. Ele disse: “Ah, você não gostou porque você é burro”. Olha, pisou nas minhas canelas. Eu me levantei e disse: “Burro é você, seu vagabundo! Quem que você pensa que você é? Escritorzinho de “M”, de merda. Você não escreve nada! É uma besteira! Eu devia ter esculhambado mesmo!”. Porque eu já estava por aqui com ele. Ele não merecia aquilo. Mas esculhambei com ele. “Joga no lixo, não vale nada! Está ganhando dinheiro à toa”. Ele saiu e não falou nada. Aí eu caí. Pronto. Soltei o salseiro agora... Vou contar... É para contar tudo, não é?

¹ Transcrição fonética do nome. Inaudível.



Tinha uma boate de meninas lá no Corvete², só tinha garota de programa. No fim eu não fazia tanto programa, não. Eu saí de lá com a cabeça tão... que eu fui encher a cara com as garotas de programa. Só beber. “Deixe para cá, em torno de mim”. Aí bebi a tarde toda, que eu estava... Aí passou e eu disse: “Pronto, passou”.

Quando foi um dia – mas ele gostava de mim, era meu amigo, passou – quando foi um dia, passando no Cine Ipiranga, na Avenida Ipiranga, passando o filme baseado no livro dele *Rua Descalça*, estava presente lá – quem filmou acho que foi o Anselmo Duarte. Era da época. Estava o Anselmo Duarte, aquele pessoal todo, aqueles artistas da época, José Lewgoy, aquele pessoal todo, artistas de teatro. Eu olhei, assim, cheio de gente, de carro chegando. Mas eu saí, dobrei, e entrei na galeria para tomar um cafezinho. Naquela galeria que vem da 24 de Maio e desce aqui na... Galeria Barão, não é? Estava chovendo um pouco. Uma mão bateu nas minhas costas, era o José Mauro: “Estou lhe convidando para ir assistir o filme comigo”. Aí fizemos as pazes. Aí fui assistir ao filme com ele, o dono do livro.

AE: Quando foi isso, Senhor Caio Porfírio?

CP: Década de 1980. Passa tão rápido o tempo, não é? 1987, 1988, por aí. Espera aí, eu digo já, aproximadamente. Ele morreu com 64 anos, é de 1920. Ele morreu em 1984? Então foi na década de 1970. Morreu com 64 anos. Teve uma morte horrível. Teve um derrame enorme.

Então ele era outro que frequentava a Biblioteca. Sabe, a vida com os escritores foi constante. Eu devo conhecer..., na União Brasileira dos Escritores tem mil e duzentos escritores sócios no Brasil inteiro, atualmente. Mas ao correr das cinco décadas, os 44 anos em que eu estou lá, passaram por lá uns três mil nomes. Devo conhecer, devo ter conhecido ao todo pessoalmente uns mil e quinhentos a dois mil escritores.

AE: Bastante mesmo.

CP: Meus amigos pessoais..., a Clarice Lispector – que não está no livro, não

² Transcrição fonética.

coloquei a Clarice, o Lúcio Cardoso, que eu não coloquei... o Lúcio Cardoso. Não coloquei o Lúcio Cardoso porque no meu livro eu fui citando alguns escritores. Só fiz sessenta porque a editora impôs um número. Você bota um número redondo, porque se colocar sessenta e três – “Por que é que não colocou fulano?”. Deixei de fora o José Paulo Paes, deixei de fora a Clarice Lispector, Lúcio Cardoso... muitos que eu conheci. Jorge Amado morreu depois. Eu tinha colocado Jorge Amado também. Muito meu amigo o Jorge Amado, convivi muito com ele, com James Amado. Aquele pessoal do Rio, eu conheci todo mundo. Eu não coloquei o Lúcio porque eu conheci o Lúcio depois do derrame. Ele teve o derrame, andava assim, com a mão assim e não quis contar só essa parte. Queria contar só se eu tivesse conhecido ele bom também. Mário Quintana. Mário Quintana foi uma criatura adorável. Ele esteve aqui na Biblioteca, encontrei ele na Biblioteca várias vezes.

AE: É, ele frequentou bastante.

CP: O Mário Quintana era um tipo aparentemente muito sério e sisudo. Aparentemente. O Mário Quintana nos deu um depoimento e eu perguntei a ele, no depoimento, se ele gostava de esporte. “De futebol, nem falar. Eu gosto é de atletismo”. Baseado nisso, quando eu me encontrava com ele – ele ia muito na Biblioteca ou na União Brasileira dos Escritores – eu, conversando com ele, batendo papo com ele, eu perguntei em uma ocasião para ele, eu lhe disse assim: “Mário você vem muito a São Paulo?”. “Eu não venho a São Paulo, nada. Eu não gosto de São Paulo, nada de São Paulo. Eu gosto de Piracicaba”. Está no livro. “Porque lá tenho uma amiga que é poetisa, lá fico na casa dela. Eu fico vendo o jardim lindo na frente. São Paulo, meu amigo, eu só conheço aqui, a Biblioteca, o Museu. Quando nas Bienais, só o estande e acabou. Não conheço nada de São Paulo”. O cara não conhecia nada de São Paulo. “Não, não quero saber nada de São Paulo”. Eu digo: “E Piracicaba, você conhece tudo?” - “Conheço só o jardim”. Ele era joia.

Eu não conheço Porto Alegre. Não conheço. Fiquei de ir lá quinhentas vezes. Das capitais do Brasil, eu não conheço Porto Alegre, nem Manaus. Fui convidado muitas vezes, mas na última hora uma coisa, uma doença de família ou minha, não vou. Numa ocasião fui fazer palestra em Florianópolis e duas em Porto Alegre. Quando eu cheguei em Florianópolis cancelaram a de Porto Alegre. Eu não fui a



Porto Alegre. Não conheço. E eu contando isso a ele, numa Bienal aqui em São Paulo, ele disse assim: “Não vá mais. Não perde nada”. Eu disse: “Por que, Mário?”. Ele disse: “Olha, não vá por um motivo. Porque se você não foi, perdeu o avião na hora; não foi, pode ter alguma coisa lhe avisando. Se você for de ônibus, o ônibus vira. Se você for de avião, o avião vai cair. Se for de cavalo, o cavalo vai cair da ribanceira. Então boa coisa...” “ Eu então fiquei assombrado. Ele era ótimo.

Mas o Sérgio Milliet, que foi diretor da Biblioteca Mário de Andrade, ele tinha um ponto cativo atrás da Biblioteca, sabia? Pari Bar. Ele foi muitos anos diretor da Biblioteca Mário de Andrade. Foi um dos homens mais cultos que eu conheci na vida. Cultura geral, sabia tudo. Foi o maior crítico brasileiro da época dele. Ele dizia para nós: “Para mim, francês e português é a mesma coisa”. Tinha origem francesa, dois, três livros dele publicados na França. Sabia qualquer assunto que você puxasse: de artes plásticas... Só não conhecia música popular. Na época ele gostava de mim.

Quando Érico Veríssimo veio fazer uma palestra aqui em São Paulo, no lançamento do livro – não entrou no livro o Érico, pois é, não deu para entrar – no lançamento de *O Senhor Embaixador* a Biblioteca estava ocupada. Aí fizemos no auditório da UBE. E o Sérgio Milliet estava lá. Sérgio Milliet foi. Bebia muito. Bebia todos os dias. Ele ficava atrás, no Pari Bar, bebia até uma hora da tarde, depois ia na União Brasileira dos Escritores, bebia até de noite, depois ia para o Clube dos Artistas e bebia até altas horas da madrugada. Ele estava se entregando, por motivos particulares, mais de setenta anos. Eu, jovem, felicidade muito grande, porque ele era da semana de 22. Muito bem. E... vou contar uma parte só dele. Quando o Érico começou a falar, ele estava na mesa, mas já estava de cara cheia, ele começou a roncar. O Érico falando e ele sentou-se na ponta da mesa. O Érico falando e ele rrrrrrrrr. Aí começou a fazer contraponto à palestra do Érico Veríssimo. O auditório ficou assim, aí diz o Érico: “Deixem ele dormir. Esqueçam, e prestem atenção só em mim”. Aí o pessoal achou graça. Ele dormiu a palestra inteira. No final, quando todo mundo bateu palmas, ele acordou batendo palmas. Ele... se algum dia, todo dia, quisesse encontrar o Sérgio, conversar com Sérgio, ele estava no Pari Bar. Lá tinha uma cadeira que era dele e ninguém sentava. E fazia roda em torno dele.

Quando eu publiquei o *Trapiá*, meu primeiro livro, João Antonio – que usou a



cabine da Biblioteca para reescrever o *Malagueta, Perus e Bacanaço*, livro de estreia dele, que ele perdeu os originais e eu tinha as cópias. Ele conseguiu uma cabine da Biblioteca para reescrever o livro lá. O *Malagueta* foi reescrito numa cabine da Biblioteca. O João Antonio, que era muito forão, ele disse: “Vou levar você para conhecer o Sérgio Milliet”. Só que ele estava cercado de gente. Fiquei ali sentado, livro na mão, vergonha. Aí sai um, e sai outro, sai outro, sai outro. Ficamos só eu, ele e João Antonio. Ele disse: “Você quer um uísque?”. Pedi logo um duplo – eu estava nervoso. Comecei a beber... “Ah, o seu livro. É, já recebi o seu livro. Muito bom, vou comentar”. Mas nunca comentou. Ele tinha uma crônica diária n’*O Estado de São Paulo* e começou a conversar comigo. E a coisa que mais me impressionou nesse homem de tanta cultura foi dar atenção a um estreante nas letras – eu tinha publicado o meu primeiro livro – e conversar comigo – porque ele não ficava bêbado. Ele bebia devagar, era metodicamente. Ele não bebia como um farrista. Ele bebia com classe e de igual para igual. Eu falava e ele prestava atenção, ficava pensando. Descemos juntos pela Marconi, e eu digo: “Mas que cara! Um cara desse, com esse nome nacional todo!” Foi uma lição de vida. Depois o Afonso Schmidt também, outra simplicidade, que fez com que eu aprendesse na vida uma coisa. O Graciliano Ramos já era estourado. Me contava o Ricardo Ramos que quando entra na União Brasileira dos Escritores um jovem, moço, rapaz, com livro de poesia debaixo do braço, tremendo de medo... União Brasileira dos Escritores, para mostrar para alguém, e você recebe com quatro pedras na mão... Você tem que receber com dignidade. Embora ele rime prefeitura com rapadura, não tem importância. Porque ele está enfrentando tudo para mostrar seu livro a alguém, embora não tenha valor. Por menor valor que tenha, você tem que incentivar, porque aquilo, o professor não deu atenção – ou a professora –, ele enfrentou, procurou a entidade, no meio daquele pessoal todo para procurar por mim, que eu o visse. Então ele quer ser assistido, ele quer aprender. Eu trato todo mundo igual. Isso é uma lição de vida do Sérgio Milliet.

Então o Sérgio gostava... conversa vai, conversa vem, com esses escritores na UBE, e eu cantava um sambinha. Todo mundo tem um *hobby* na vida. O meu *hobby* é a música popular brasileira, particularmente a música do século passado, que vem das grandes valsas, do tempo de Noel Rosa, 1930. Noel Rosa escrevia valsa. Até hoje eu gosto, até que veio a Bossa Nova, mais ou menos. Até a Bossa



Nova – gosto da Bossa Nova também, mas já é outra coisa. Muito bem. Tornou-se o meu *hobby*. Comecei a colecionar disco em 78³. Eu tenho uma *Jardineira* em 78, quando foi gravada em 1939 pelo Orlando Silva.

AE: Raridade.

CP: Um amigo outro dia, não faz muito tempo: “Ah, empresta, se quebrar eu pago”. “Pode dar um bilhão”. Eu não posso reconstituir mais. Certas coisas você não pode dar. “Assiste aqui, ouve aqui”.

Então o Sérgio sabia que eu gostava de música popular brasileira. Aí me chamava para a mesa dele: “Canta aí qualquer coisa. Ah, eu me lembro, rapaz. Que coisa linda! Sabe a letra toda?” - “Sei” - “Canta”. Aí ele começou a me arrastar para o clube dos artistas. Lá estava Mário Donato, Marcos Rey, o pessoal todo, Ana Maria Martins, o pessoal da academia. Aí me levava para o piano – para o pianista tocar, porque eu não toco piano – para cantar ao piano. Aí começava a cantar samba e valsa.

Agora veja: eu tinha o quê?, vinte e nove, trinta, o Sérgio com mais de setenta, levando aquela vida. No dia, como eu lhe contei, que ele sentiu-se mal, eu e o Sérgio e, se eu não me engano, o (...) Amaral⁴ fomos levá-lo em casa. Ele morava aqui num quarto. E lá o deixamos. “Não, estou melhor”. No dia seguinte ele apareceu no clube e disse assim: “Eu estava me sentindo muito mal. Me vesti todo de preto” – ele tinha um terno preto – “se eu morrer pode levar, que não tem problema”. Quando foi no dia seguinte que eu acordei, eu olhei, ele disse: “Por que eu estou todo de preto? Gravata preta, roupa preta?”. Não se lembrava. Era o homem. Morreu tendendo para os oitenta anos e eu queria um bem enorme a ele. Ele dizia: “O Caio está aí? Diz para ele que eu o estou esperando no Clube dos Artistas”. E ia para lá. Não discutia nada com ninguém, no Clube dos Artistas. Só falava o trivial. Mas num dia ele perdeu – está no meu trabalho sobre ele – um dia ele perdeu a... Um cara disse umas coisas lá, ele não gostou, citando escritores franceses. Ele virou para um escritor qualquer, que não me lembro, e disse: “Olha, fulano, eu vou lhe dizer só uma coisa. Eu não vou lhe dar uma opinião ou contar

³ 78 rotações.



história. Eu quero só lhe dizer que tudo de cultura do Brasil e da França para mim é a mesma coisa”. Aí calou-se. Disse: “Não vou discutir com ele”. Sérgio Milliet era um tipo impagável.

Pergunta mais.

AE: A sua relação com o João Antonio...

CP: Olhe, João Antonio... Você conhece o João Antonio? A literatura dele? João Antonio Ferreira Filho. O João Antonio... publiquei várias revistas... Eu publiquei toda a minha correspondência com o João Antonio. Eu posso te dar um livro, publicado em livro, comigo e com o Fábio. Eu tenho quase duzentas cartas do João Antonio. Naquele tempo eram cartas.

AE: Ele morava no Rio nessa época?

CP: Não, morava aqui. Ah, sim, as cartas. Morava no Rio.

João Antonio ganhou um concurso de Natal, eu, ele e a Julieta Godoy Ladeira. Contos de Natal, promovido pelo Ricardo Ramos no suplemento da *Última Hora*. Eu ganhei com *O Patorerico*, que estava no *Trapiá*. Ele ganhou com *Natal na Cafua*, que está no *Malagueta, Perus e Bacanaço*. E a Julieta Godói Ladeira com *Passe as Férias em Nassau*, que está no livro com esse nome. Eu estreei primeiro, com o *Trapiá*, e logo o João Antonio. Na festa da entrega do prêmio, que acho que foi em 1959, eu conheci o João Antonio. Ele tinha 22 anos e eu tinha... marchando para os trinta, mais velho que ele. Saímos da festa que a Cultrix... A Editora Cultrix deu o coquetel. E então, depois do coquetel... A Lygia foi da comissão julgadora. A Lygia, o Ricardo Ramos e (...).⁵ Muito bem. Aí terminou o coquetel e eu saí com o João Antonio. Aí saímos de bar em bar, bebendo todas na cidade, de noite. Não tinha um ladrão, não tinha um bandido. Cidade pacata. Terminamos, o dia amanhecendo, na Praça da Sé. A noite todinha farreando. Entrava num bar e saía no outro. Ele não gostava de boate. Ele gostava de boteco. Porque ele gostava muito de ver esses tipos. “Não, boate, aquelas maneiras eu conheço todas. Eu sei como é que é. Eu gosto é do boteco porque tem aqueles tipos”. Ele gostava de ver

⁴ Inaudível.

esses tipos diferentes.

Muito bem. Aí ele fez amizade comigo e usava muito o escritório do meu irmão, onde eu trabalhava, na Barão de Paranapiacaba. E eu um dia ele me chamou e disse: “Caio, vamos tomar uma cerveja?”. Aqui no Viaduto do Chá, vizinho à Caixa Econômica, onde era o antigo cinema... tinha um cinema lá, não me lembro o nome, não sei se tem ainda. Tinha um barzinho perto da Caixa Econômica, ali embaixo, bem onde paravam os ônibus, no Viaduto do Chá.

Ele pediu uma cerveja, pediu papel de embrulho e disse: “Caio, eu estou pensando em escrever a vida de três malandros”. Eu digo: “Como é que é?” - “O nome dele é Perus, o outro Macarácio, tem um menino, ele é assim, assim, assado. O que é que você acha?” - “Interessante” - “O que é que você acha?” - “Ah, João, eu tenho pouco tempo de São Paulo. Você é que conhece bem esse mundo do bilhar, da sinuca. Malagueta, esses tipos. Eu não conheço. Mas é interessante, a sua literatura é ótima, excelente” - “Eu vou fazer”.

Então, o João Antonio, ele escrevia à mão – cada um escreve de um jeito diferente, uns escrevem à mão, outros escrevem à máquina – o João Antonio escrevia num papel a lápis, comenta com você, dá palpite, e bota o papel aqui, bota ali. Ele fala o livro antes de escrever. E depois passava à máquina. Papel em todos os bolsos. Muito bem. E ele escrevia os pedaços e colocava o rascunho na última gaveta. E começou a escrever a novela. E lia para mim os trechos no mesmo bar, no Viaduto. Eu fui a primeira pessoa que leu esse... a dar palpite. E eu confesso que eu não estava muito entusiasmado, não, porque o meu livro era regional. Então: “Olha, está tudo bem, mais uma...”. Aí ele terminou o livro. Eu guardei. Ele entregava pra mostrar lá para a poetisa, a Ilka Laurito Brunhilde, os originais, só para nós dois. E eu guardava. E ele passou a limpo todo o livro dele. Só tinha uma cópia, porque ele fez sem carbono, e eu tinha a coisa. Levou para casa – ele morava na Vila Alpina. E eles foram para a praia. A família foi passar um dia fora e o quarto em que ele estava pegou fogo. Deu curto-circuito e pegou fogo nos originais. Ele perdeu os originais. Isso eu digo no livro. E eu disse – gravei várias vezes isso - então um dia ele entra branco, apavorado, no escritório: “Caio, eu perdi o *Malagueta*”, porque ele tinha os contos. Faltava a *Malagueta*, que era a novela, a maior. Dois terços do livro. Ele

⁵ Inaudível.



disse: “Caio, perdi tudo”. Eu disse: “Rapaz, o que é que foi? Não diga!” - “Foi” - “Não tem cópia, não?” - “Não”. Eu digo: “Olha, os rascunhos estão aí na gaveta debaixo da máquina de escrever. Quase que eu joga no lixo”. Ele pegou, tirou tudo – não estou mentindo uma vírgula – abriu tudo, botou em cima da poltrona e disse: “Graças a Deus, graças a Deus”. Ali tinha 80% do livro. Eu digo: “Alguma coisa deve estar com a Ilka”. Ele disse: “Eu vou para a Biblioteca Mário de Andrade já, já”. E falou com um funcionário da Biblioteca que era muito nosso amigo, Herman José Reipert, já ouviu falar? O Herman – vou falar do Herman – trabalhava lá na Biblioteca. Qualquer coisa que tinha lá na Biblioteca: falava com o Herman. É um baita escritor. Autor de... como era o nome do livro dele? Depois eu me lembro... *Travessa do Elefante, Sem Número*. E falou com Herman: “Herman, onde arranjo uma cabine?”. Arranjou uma cabine na Biblioteca e passou aí, com aquela tranquilidade, a escrever o livro todo. E aí já trabalhava na – quem arranjou para ele foi o Jorge (...) ⁶ um emprego para ele – na Agência Piccinatti de Publicidade, que ficava ali na Rua Conselheiro Crispiniano. E escreveu o livro todo, passou a limpo. Ganhou o Prêmio Flávio Prado, o livro dele. Aí passou a dizer para todo mundo: “Ah, escrevi do zero”. Ele era muito falador. “Perdi tudo, mas tinha tudo na cabeça. Tudo na cabeça e escrevi tudo de novo”. Eu me encontrava com ele e dizia: “João, deixa de ser sacana, rapaz. Você tinha os rascunhos que eu guardei”. Pode gravar! Já gravei isso várias vezes. Ele dizia: “Porra, cala a boca, é *marketing!*”. Eu só fui contar isso quando ele morreu.

O Herman tomava uísque conosco, ou na casa dele, ou quando saía da Biblioteca. Aí pegava e ia para um bar tomar uísque. O Hermann tinha uma coisa com ele. Ele às vezes era religioso, às vezes era ateu. Ele tinha um conflito espiritual muito grande. Ele tomava o primeiro uísque e dizia: “Não, Deus não existe. Se existisse... com tanta miséria no mundo”. O João dizia: “Concordo com você, concordo. Tudo isso aí é só fantasia”. Tomava o segundo e aí vinha a dúvida: “Pode ser... pode ser...”. Bom, no quarto ele se ajoelhava e pedia perdão. Então, quando a gente se encontrava com o Herman, e ele estava já se ajoelhando, o João dizia: “Pronto, aí, já está bêbado!”.

Era uma época diferente, de uma boemia dourada. Agora eu digo para vocês,

⁶ Inaudível.



que são jovens... como é que eu posso dizer para vocês? Era boemia sem maldade. Não éramos inocentes, mas sem maldade. A gente ia a essas casas de meninas, de boate, só para encher a cara. Ninguém tinha dinheiro. Fazia programa só quem tinha... e muitas moças que iam, na época, não iam para programa, não. Eram bancárias que iam para lá, que gostavam de beber, dar beijinho, abraço, tudo isso... Programa era no Basfon, lá a coisa era mais... Então era essa espécie de boemia dourada, quer dizer, gostava de fazer. Ou então ia para casa de *dancing*. Não era o mundo cão de hoje. Se andava de noite em São Paulo na rua, não tinha um ladrão. Pedia um cigarro: “E, aí, você tem um cigarro?...”. Era outro mundo. Eu tenho saudade desse mundo.

Na Vienense aqui, cheia de escritores. As casas boas de... boates, casas de chá, todas tinham orquestra. Pediam para tocar uma valsa... Tinham cantores. Começava à noite. Era uma beleza. Agora mudou. É uma coisa que não existe mais. Estamos na era eletrônica, o mundo mudou completamente. Agora, tinha muita coisa gostosa... Se for contar...Vai perguntando, vai perguntando.

AE: Senhor Caio Porfírio, no comecinho daquele livro *Mesa de Bar*, o senhor conta que escreve da casa da fazenda da sua parte paterna, não é?

CP: Certo.

AE: Eu queria saber se essas lembranças de infância, que o senhor também escreveu um livro, e essa sua...

CP: Esse *Mesa de Bar* foi todo ele escrito num bar - Bar Restauradores. Na época eu ofereci ao garçom. Está vendo como era São Paulo? Você pode fazer isso? Você ia para o bar, outro dia diziam: “Ah, ‘seo’ Caio, o senhor está aqui? Tudo tranquilo?”. E tu irias falar o quê, querida?

AE: Eu queria saber se essas suas lembranças, sua infância, essa sua presença, sua origem, no Ceará, seriam a sua fonte inspiradora maior para a escrita. Ou se...

CP: Em grande parte. Pelo seguinte: porque você não perde as suas raízes. A minha família do lado paterno, Carneiro... Eu sou Carneiro de mil... A nossa fazenda, a



origem da nossa fazenda – que hoje está arrendada, chama-se Fazenda Pau Caído, no Ceará, tem 1.200 hectares; agora está mais reduzida – era uma sesmaria. Veio de 1722, de pai para filho. O meu avô tinha uma fazenda grande, era a do Pau Caído. Tem até uma carta do tio Antonio, um tio nosso que morava no Rio, que pedia ao vovô para mudar o nome de Pau Caído para Fazenda Maracajá, estavam acostumando a chamar ele, no Rio de Janeiro, de Antonio do Pau Caído, um nome feio. Aí o meu avô respondeu de uma maneira exemplar – aqueles coronéis do interior - disse: “Meu filho Antonio, você quer que se chame Fazenda Maracajá. Lindo nome! Vou escrever mais ou menos. Fazenda Maracajá, beleza, tudo bem. Mostrei para os seus irmãos, para os seus tios, todos acharam bonito o nome Maracajá...”. No fim diz assim: “Para terminar, meu filho Antonio, quero lhe dizer que vai tudo bem aqui no Pau Caído”. Nós pensamos que ele tinha se enganado. Depois numa análise mais detida da carta, não. Ele quis elogiar, no fim dizer o seguinte: “Quem é você, seu moleque, para mudar o nome da fazenda?”. Olhe que a frase é assim: “Para terminar quero lhe dizer que vai tudo bem aqui no Pau Caído”. Isso é que é uma resposta, não é?

Eu nasci em Fortaleza, mas por passar as férias tinha uma ligação muito grande com a fazenda. E com essas aí você não perde. A tal ponto, que eu vou dizer uma coisa para você: o meu irmão, que é mais novo, que é médico e mora no Ceará... vou todos os anos ao Ceará, vou agora novamente em primeiro de maio passar uns dias na fazenda. Agora a casa ficou à nossa disposição. Tem uma casa nova que tem tudo, tem até computador, mas a casa da fazenda, que é de 1845, está novinha lá, tem um caseiro. Eu com meu irmão – e ele sozinho – chamou aqueles velhos da fazenda para contar coisas dos tempos deles, que estão desaparecendo. Eu vou lhe contar só duas coisas do que eu vi na infância.

Meu avô era um coronel. Ele morreu sem acreditar em duas coisas: em avião e na ponte do Rio Acaraú, que está lá, o rio Acaraú é o segundo maior rio do Ceará, perto de Sobral. “Vovô, a ponte está lá” - “Em boa cheia o rio leva”. Nunca levou. “Vovô, o avião...”. Ele não olhava para o céu. Não estou mentindo, não. “Qualquer dia cai, Deus não fez o homem para voar”. Então, eram aqueles velhos... Gravamos cassetes com esses velhos, que estão se acabando... Não tinha mais cavalo, tudo é bicicleta e motoca! Que é que se vê um cavalo! Então esses velhos, gravando coisas do tempo deles. Então vou contar só duas, rapidinho. A razão pela qual convidamos



o velho Aristides, de quase cem anos... reuniu-se com um outro para conversar... porque uma coisa puxa e a outra e vai: “Como é que era aquele tempo?” - “Ah, era diferente”. Aí diz o velho Aristides: “Ah, bom, tem que usar bicicleta, não é? Outro dia peguei a bicicleta do meu filho, tive que ir na casa do meu irmão. Quando chegou na estrada, – a estrada, que ele fala, é a parte asfaltada, ainda tem cinco quilômetros fora do asfalto – antes de chegar na estrada, aquele bafo no cangote” - “Por que, ‘seo’ Aristides?” - “O lobisomem sentou-se atrás” - “Não diga, ‘seo’ Aristides” - “Foi. E agora aquele bafo. Quando chegou na estrada ele pulou fora. Cheguei na casa da minha irmã: ‘Olha, eu estou tremendo ainda’”. O outro, para não ficar por baixo, não me lembro o nome dele: “‘Seo’ Aristides, o senhor se lembra de fulano na enchente de 1932?” - “Claro que lembro, eu era rapazinho” - “Pois é. Sabe como ele morreu?. A rede dele saiu por cima dos galhos por causa das enchentes. Me lembro. Pois ainda hoje, quando há enchente, que eu olho pela janela, que eu vejo passando a rede dele”. Não é uma beleza? Tudo isso se perdeu. Temos gravado: dezenas de cassetes. Que está se passando no passado...

AE: Foi o senhor quem fez as entrevi...

CP: ...que vem dos avós. Então eu assisti isso. Eu tinha um tio que morreu solteiro. Mas bom, por que é que ele morreu solteiro? Tinha uma moça na fazenda de minha avó, Sebastiana Carneiro, ela chamava. O irmão do meu avô, que se chamava tio Quicas. Porque ele amasiou-se com uma negra retinta. E aquilo era pecado mortal: “Juntou-se com escravo. Deste jeito não. E cadê o sangue dos brancos?”. Só o meu avô ia visitar, minha avó não ia. Mas como ele estava muito velho, papai, meu tio Francisco, não queriam que ele fosse dormir só. Então, ia um dos irmãos lá – cem quilômetros a pé no meio mato – ele enfrentava aquilo, com a maior naturalidade. Eu, menino, ia na fazenda e tava lá, tudo cheio de coisas de médicos. Então eu chegava lá, tinha uma velha que tomava conta dele – ele já estava sozinho, estava viúvo. No meio da sala de jantar – não estou mentido, não – tinha uma mesa que tinha uma cuia com farinha. Cego, completamente cego por causa da catarata, ele vinha com um pauzinho, a velha armava a mesa da sala de jantar, e ele dizia: “Quem é que chegou?” Eu dizia: “É o Caio” - “Ah, o Caiozinho, como é que vai?”. Pegava, metia a mão na farinha, assim tremendo a mão, botava na boca: não caía um grão



fora, para mascar aquela farinha: não tinha dente. Ia para a sala de visita, as portas se trancavam, e ficava conversando com os mortos. Falava horas, conversando com aqueles... “Ah, fulano, como é que vai?” – estava caducando. De manhã cedo ele colocava a cadeira de couro no desvio da casa, na quina. Quem passava já sabia: “Quem vai lá?” - “Ah, fulano, como é que vai?”. E botava os pés em cima de um cepo de madeira, de pau. Não conhecia nem Fortaleza, nunca tinha ido a Fortaleza. Quando ele morreu – nessa parte eu já estava em Fortaleza estudando – então, olha que coisa curiosa, tio Francisco ia jogar aquele cepo fora, mas notou que o cepo era oco. No que examinou, ele pegou o cepo, mandou raspar por dentro. Usou a parte do cepo para fechar, com cera de abelha, fechou... sabe o que estava dentro? Dobrão de ouro, moeda, a corrente da fazenda, toda a fortuna, ele com os pés em cima. Não tinha banco. Pergunto a você: você se esquece mais disso?

Eu era garoto – mais uma. Tinha dois amigos de infância – Vicente era o mais novo – passava o riacho atrás da casa, passou um preá. Preá a gente come, né? Tira, leva o preá para casa. Passou um preá num toco de madeira. E o Vicente, o mais novo, disse: “Eu vou pegar”. E o Vicente disse: “Me mordeu” e tirou a mão. Aí o Geraldo disse: “Eu vou pegar”, meteu a mão, e aí mordeu também. Aí saí com os dois: “Virgem, mordendo a gente!”. Não demorou muito, querida, o mais velho começou a tombar. Aí felizmente passou o tio Francisco a cavalo. Botou um num lado da sela, e outro atrás e saiu correndo. Morreu um às sete da noite e o outro às cinco da manhã. Era cobra, devia ser cascavel. Você se esquece?

Agora, você absorve, você fica... Eu não tinha medo de mato, de jeito nenhum, nem de cobra, de coisa nenhuma, porque você convive. Então as raízes culturais você fortalece. Meu pai era um homem muito culto, falava francês. Meu pai era um humanista, falava latim, grego. Mas aquelas raízes ficam com você o resto da vida. Eu tenho um livro, não sei se eu lhe passei, um livro chamado *Chuva - Os Dez Cavaleiros*. Passei para você?

AE: A Biblioteca tem.

CP: Ah, então leia. É um livro diferente. O *Trapιά* é o meu sertão todo, que é um livro regional. Agora você adquire uma cultura, convivência, estando em São Paulo. Então você muda completamente na linguagem. Acho que no nível de literatura,



você me desculpe, mas eu tenho uma cultura literária razoável. Eu traduzo do francês. Você conhece outras línguas, então você muda muito. Mas o essencial que está no seu coração você não muda. Aquilo que vem das suas raízes fica com você até a morte, não é verdade? Porque vem da... Daí que vem o que diz o Manuel Bandeira num poema dele que eu uso em um dos meus livros, *Chuva – Os Dez Cavaleiros*: “O menino que não quer morrer / Que não morrerá senão comigo”. Porque todos nós temos um menino dentro da gente - menina ou menino - que vem conosco, não tem como: suas primeiras impressões da vida. Então muita coisa... Só para contar de *Chuva e Os Dez Cavaleiros*. Eu viajando de Irauçuba para Sobral. É uma extensão muito grande, tem uma serra longe, descampada, muita pedra. À tardinha, meu irmão guiando, eu vi uma casa velha, um homem sentado na porta, no batente da frente, um cara passando a cavalo atrás. Esse livro tem vinte anos, se usava muito cavalo ainda... tem mais de vinte anos, tem trinta anos. Na serra, chovendo, com o cavaleiro atrás, com o calçado na frente. Eu achei a paisagem bonita, meio expressionista, parecia Van Gogh. Eu olhei assim e disse: “Olha que coisa bonita aquela casa, aquele alpendre. O cara atrás passando a cavalo, a serra atrás”. E ficou na minha imaginação, aquilo que eu me lembrava. Fui fazer um conto sobre isso, mas o conto não vinha, aquilo lá que eu me lembrava. Meu amor, quando veio, foi um livro: eu fiz *Chuva – Os Dez Cavaleiros*. Foi o único livro que eu fiz meio impressionista e meio alegórico. São dez cavaleiros, cada um vem para fazer uma coisa, ou para vingar, ou para exemplificar, para fazer maldade, para pedir perdão. Cada um vem para fazer uma coisa e o décimo vem para julgar os nove. Quer dizer, ficou uma coisa bem amarrada. Quem fez a interpretação foi o Marcos Rey: “Está adaptado para o cinema”. Não está filmado porque – vocês têm dinheiro? – precisa de um milhão e meio.

O Sal da Terra, meu livro sobre Salinas, tem duas adaptações para o cinema. O Barreto me prometeu que filmava, nunca filmou. Eu digo: “Olha, Barreto, basta apenas fazer as externas no Nordeste”, qualquer coisa é fazer aqui em Cabo Frio. Não precisa fazer no Nordeste. Duas adaptações para o cinema, não foram filmadas. Vai sair agora em francês, adaptado para o francês.

Bom. O que mais que vocês querem?

AE: Eu queria fazer mais duas perguntas para a gente terminar: livros que o senhor



costuma visitar, reler... se tem alguns livros que o senhor considera que são basilares da literatura e que o senhor costuma visitar, reler, não?

CP: Ah, eu releio sempre o *Dom Quixote*. O *Dom Quixote* é um livro que deve ser revisitado sempre, pela maneira satírica como foi escrito naquela época. Dois livros - eu vou mostrar para vocês o que é arte escrita, eu digo isso em qualquer palestra. Como antes do *Dom Quixote* existiam os escritores, os romances de cavalaria... Eram romances chatérrimos, não é? Todo cavaleiro tinha que ter uma donzela, a que ele trazia flor, ia salvar, não sei o quê. É uma chateira, mas eu li, por obrigação. Então todo cavaleiro quer você... “Não, eu sou o cavaleiro da Dulcineia” e ia salvar a Dulcineia. Para quem gosta de letras, é uma curiosidade. Então o que é que faz *Dom Quixote*? Faz a gozação desses cavaleiros, mas é uma beleza! Descreve todo esse mundo. Quem quiser ver o alegórico, o satírico, o visual, o fotográfico... Porque a época, ler o *Dom Quixote*...

O outro livro, este precede, que se chama, leia, por favor, se chama *Decamerão*. Leia *Decamerão*, do Boccaccio. O Boccaccio, ele é pré-renascentista. Porque a Renascença é do século XVI, mil quinhentos e tanto. Os três pré-renascentistas foram Dante, que nasceu em 1264 e morreu em 1322⁷, então o Boccaccio não o conheceu. Quando ele morreu, Boccaccio nasceu logo depois. Aí é Petrarca⁸. Petrarca conheceu o Dante, o Petrarca. Petrarca nasceu... Quando o Dante morreu ele era menino, viveu setenta anos. Quando o Boccaccio⁹, que era o mais rico deles – o pai dele tinha dinheiro... Morava em... Qual a cidade da Itália em que ele morava? Digo já. Veio a peste negra, que ele escreveu *Decamerão*. São cem histórias, cem novelas. Ele reúne sete mulheres e três homens, cada um conta dez histórias do tempo da peste negra, trancados num convento e uma sala. Porque a peste negra acabou com a Europa. Chegou na Europa em 1348 e a Europa tinha mais ou menos cinquenta milhões de habitantes. A Europa toda ficou reduzida a dez. Matou quarenta milhões, de cara, era peste negra, era bubônica, que era transmitida pela pulga e pelo rato.

O *Decamerão* é um livro cheio de histórias e novelas, um pouco assim

⁷ Dante Alighieri (1265 – 1321)

⁸ Francesco Petrarca (1304 – 1374)

⁹ Giovanni Boccaccio (1313 – 1375)



eróticas, mas um erotismo muito curioso, gozado. Até com frade e freira – porque eles não gostavam de frade e freira, então... era uma... ia dizer um palavrão, não vou dizer aqui... Era uma “trepação”, vou dizer logo, vai, de frade com freira, mas muito gozado, não tem nada de visual direto, você morre de rir. Porque eles não gostam de frade, mas não eram ateus, nenhum era ateu. Naquele tempo eles pensavam ainda que o mundo era reto - só veio depois, dois séculos depois. Eles eram cristãos, até um certo ponto, mas tinham raiva do clero porque o clero mandava em tudo. E as freiras também, porque as freiras, elas são... coitadas.

Ele abre o *Decamerão* – vê o que é arte escrita – eu, quando eu fiz a faculdade de História, que me doutorei depois – História e Geografia – eu estudei seis meses a peste negra na Europa inteira. Foi uma coisa horrível. Acabou. Acabou com Paris, acabou com tudo. Os países do norte – Suécia, norte da Inglaterra, Noruega, tudo isso – diziam: “São os pecadores do sul que estão acabando com eles”. Porque veio do oriente, a peste. Acontece que, quando chegou o verão lá, acabou com a Suécia, acabou com tudo, porque era inverno. Então eles têm tudo aquilo. Quando eu fui ler o *Decamerão*, que ele abre o livro descrevendo a peste negra... Leia! A primeira história sobre a peste negra – em dez páginas – não estou mentindo – eu, que estudei, me doutorei em história de toda a peste negra só porque um escritor “contou” – não foi mais documento, foi o escritor contando em detalhe – eu perdi o sono... depois de setecentos anos! Vê o que é a arte escrita: não morre.

Porque você vê: eu, daqui da janela, vejo dois porcos arrancando as roupas de um mortal e pouco depois os porcos morrerem. Ele não teve nada, porque ele era imune. Então, ele contando que de manhã ele tomou uma refeição com os amigos e à tarde estavam todos mortos. E contando detalhes incríveis. As famílias se degradavam a tal ponto – veja você o que é a humanidade – a tal ponto ele te descreve... Porque acontecia o seguinte: uma parte se entregava à farra, porque não tinha mais governador, não tinha mais ninguém: “Já estamos no inferno mesmo, então é se entregar. Não vale nada a vida”. Para outros o negócio é rezar. E quando fazia procissão para rezar, aí é que morria mesmo porque juntava e daqui a pouco transmitia. Então, quando eu li aquilo, eu disse: “Isso é uma prova de que a arte escrita é imortal”.

Para terminar, tem aquela frase, não sei de quem é, de um escritor que diz:



“Se fosse possível apagar toda a França do século XIX todinha com uma borracha – desapareceu a França – e ficasse somente a obra de Balzac, nem tudo estaria perdido”.

Alguma pergunta?

AE: Eu queria fazer uma pergunta para o senhor.

CP: Bela resposta, não é? “Nem tudo estaria perdido”, porque a obra dele mostra o que era a França do século XIX. Porque... mas só uma coisa. Porque o visual – eu sempre falo isto nas minhas palestras - demonstra uma coisa: se eu vejo moça bonita na televisão, no computador – não posso usar mais computador por causa da vista, sabia? – mas na televisão, ver moça bonita, o que é que você viu? Uma moça bonita. Cinquenta pessoas viram aquela moça bonita. Mas se cinquenta pessoas lerem a frase: “Era uma moça bonita”, cada um que leu pôs na sua cabeça uma moça bonita do seu interesse, então são cinquenta moças. Então a prova é – faz mais ou menos 15, 20 anos que a Inglaterra fez uma homenagem ao *Hamlet*. Pelo cálculo aproximado, histórico, foi levado ao palco um milhão de vezes o *Hamlet*. E sempre que se lê hoje, quem lê, vê diferente. O que se renova é o que está escrito. Não é incrível?

AE: É.

CP: Aquele conto, *Missa do Galo*, de Machado de Assis. Cada um que lê – não tem nada... e tem tudo. É a conversa de um menino de dezessete com uma mulher de trinta. Está tudo embutido, não é verdade?

AE: Para terminar, senhor Caio Porfírio: a Biblioteca está passando por um processo de revitalização. E eu queria saber do senhor o que o senhor acha que pode ser feito, na sua opinião, para que a Biblioteca readquira aquela vocação que ela tinha de aglutinar intelectuais.

CP: A primeira coisa é reativar o auditório - de cara - e usar a parte de lá de cima para lançamento de livros - de cara. Porque, se você usar o auditório para festival,



para recepção de tudo isso, já enche de gente - primeira coisa. E lançamento de livro – eu posso até marcar – aparece logo gente, porque não tem onde lançar. Lá em cima, porque lá tem aquele pátio, aquele salão grande: bota uma cerveja, um negócio. De cara: lançamento, recepção; conferência ou palestra, no auditório. Tem que usar o auditório. Um auditório belo daquele, meu Deus do céu!

Depois se pensa na entrada, fazer outras coisas ali, voltar os festivais de poesia, concurso de poesia falada, que era naquela entrada da Biblioteca, que era uma beleza. Ah, tem que fazer!

O auditório é uma beleza. Está lá. Quando é que vai ser inaugurado?

AE: Final do ano. A perspectiva é no final do ano, comecinho de dezembro.

CP: Modificaram muita coisa? Fizeram uma parte nova, não é?

AE: Não, a princípio a reforma era só estrutural. Não houve aquela modificação.

CP: Vigilância maior para obras raras, hein?

AE: Ah, claro.

CP: Vigilância maior. Outra coisa: vigilância muita na leitura, porque o que corta com gilete... Eu não vi depois aquele negócio. A Biblioteca tem coisas incríveis. Está com quantos livros lá?

AE: São três milhões de itens.

CP: Tem quantos livros lá?

AE: Não sei quantos.

CP: Um milhão e trezentos mil, não é? Só perde para a Nacional. É isso aí. Tem tanto, tanto livro que até eu estou lá!



AE: *Ok*, professor, muito obrigada.

CP: Obrigado, desculpe o mau jeito. Ah, vou deixar mais este livro que eu trouxe para vocês.

AE: Obrigado, o senhor tinha prometido, mesmo.

CP: E vou trabalhar! Vou ganhar a vida: hoje tem reunião de diretoria à noite. Foi bom, não foi?

AE: Foi bom. O senhor é um grande contador de histórias.

